

Lições do Morcego sobre a ética e cidadania

“Melhor é serem dois do que um (...)”

(Eclesiastes 4:9)

Quando se fala em ética e cidadania é inevitável que o tratamento dos conceitos remeta, entre outras coisas, à experiência comunitária, à construção partilhada de certo jeito de viver, à diversidade de projetos para a cidade e convívio, às vezes tenso, entre diferentes utopias.

Em uma viagem aérea de São Paulo a Porto Alegre ocorreu que o morcego pode ser metáfora para a inevitável relação humana quando se pensa em ética e quando se observa os movimentos da (na) cidade.

Alguns morcegos carecem de visão. São cegos. A palavra, em sua origem latina, significa “que não vê”. Curiosamente a maior parte dos morcegos tem hábitos noturnos. Alguns deles se valem do que se denomina “eco localização” que indica a capacidade de identificar a forma e a posição dos objetos por meio da emissão de sons que criam ecos. De algum modo o movimento do morcego implica em uma resposta, que o som encontre resistência e volte indicando algo.

De alguma maneira tomar o morcego como metáfora permite dizer o que segue sobre a ética e a cidadania.

A experiência ética e cidadã implica que pronunciemos o desejo de organização das relações da vida, dos homens e mulheres entre si e destes com a natureza. É necessário “ecoar” a palavra que denuncia os problemas da vida e anuncie os caminhos que se apresentam como possibilidades de mudança, de novidade, de outro jeito de habitar, mais justo e inclusivo.

A mensagem de denuncia e de convicta e teimosa esperança pode não gerar mudança se não esbarrar, não tocar no outro. Imagine o morcego em voo e sem nada que “reaja” aos seus sons? Ele seguiria seu rumo, literalmente e radicalmente às cegas. Não haveria nada que orientasse a mudança de direção. Sem uma montanha, árvores e outros animais o voo seguiria tendo o “chão” como única referência.

Curiosamente a cidadania se apresenta como o lugar do conflito, onde diferentes projetos de cidade são elaborados e confrontados. À semelhança do morcego, isto é, condição necessária para o voo, para o deslocamento. A cidadania se faz na prosa, do diálogo sobre o que se deseja para a vida na cidade. O grande desafio aqui é estabelecer os fundamentos para esta construção. Sobre quais valores desenharemos um novo jeito de viver, uma nova ética e outra maneira de organizar a vida na cidade?

O filósofo Danilo Di Manno de Almeida propõe os corpos em situação de pobreza e sofrimento como a referência para o nosso voo, para o rascunhar de novas éticas, de construção de experiências de cidadania.

“Afetar-se pelos corpos que não comem, que não bebem e, quando bebem ficam doentes, violentados, maltratados, indigentes embora tendo amigos, corpos privados das danças de amor por falta de espaço, privacidade e insalubridade. E tantos outros hábitos... Se queremos contribuir para a transformação da sociedade (...) será pelo enfrentamento chocante dos hábitos... de uma elite, de abastados, de beneficiados pelo sistema econômico-político e educacional vigentes diante de outros hábitos. É um começo apenas, um ensaio para a percepção dos outros corpos”. (ALMEIDA, 2002, p. 28-29).

O Núcleo de Formação Cidadã da Universidade Metodista de São Paulo é um lugar onde surge o convite para esta experiência de reconhecimento do outro como gesto inegociável para o criativo exercício de outros modos de viver e de organizar a cidade.

De algum modo e nos limites da metáfora proposta, o NFC convida para um voo onde os outros, em particular os que estão lançados em situações de injustiça, são referência para qualquer exercício de imaginar outras éticas e de desenhar outros modos de viver na cidade.

Trata-se, portanto, de mover-se com os outros reconhecendo que sem isto o nosso próprio caminhar fica sem sentido. É por isso que, apesar de todos os desafios da vida em comunidade, é melhor serem dois do que um.

Lições do morcego para a ética e a cidadania.